

A ilustração e a palavra: a narrativa visual de “Uma Chapeuzinho Vermelho”, de Marjolaine Leray

Jailma da Costa Ferreira (UEPB)*

ORCID 0000-0003-1177-9841

Jozefh Fernando Soares Queiroz (UFAL)**

ORCID 0000-0002-5764-5868

Resumo: Este ensaio pretende realizar uma leitura do conto *Uma chapeuzinho vermelho* (2012), da escritora e ilustradora francesa Marjolaine Leray, a fim de analisarmos como acontece a construção de sentido da narrativa a partir do entrelaçamento entre as imagens e as palavras. O corpus utilizado é um conjunto de 11 ilustrações que compõem a obra, tanto no interior quanto no exterior do livro. Para tanto, recorreremos especialmente às discussões teóricas de Sophie Van Der Linden (2011) e Ligia Cademartori (2008) acerca das ilustrações. As análises realizadas indicam que palavra e imagem se constituem de um tecido narrativo único e inseparável, bem como apontam para a materialidade do livro, que exerce função narrativa segundo a sua montagem.

Palavras-chave: literatura infantil; livro ilustrado; narrativa verbal e visual

Abstract: This essay intends to read the story *A Little Red Hood* (2012), by the French writer and illustrator Marjolaine Leray, in order to analyze how the construction of the narrative's meaning happens through the interweaving of images and words. The corpus used is a set of 11 illustrations that make up the work, both inside and outside the book. To this end, we will use especially the theoretical discussions of Sophie Van Der Linden (2011) and Ligia Cademartori (2008) about the illustrations. The analysis indicates that word and image constitute a unique and inseparable narrative fabric, also they point to the materiality of the book, which has a narrative function according to its composition.

Keywords: children's literature; picture book; verbal and visual narrative

Resumen: El objetivo de este ensayo es realizar una lectura del cuento *Una caperucita roja* (2012), de la escritora e ilustradora francesa Marjolaine Leray, con tal de analizar cómo sucede la construcción del sentido de la narrativa, partiendo del cruce entre las imágenes y las palabras. El corpus que se utiliza está compuesto de un conjunto de 11 ilustraciones que pertenecen a la obra, tanto en su interior como en su exterior. Utilizaremos las discusiones teóricas de Sophie Van Der Linden (2011) y Ligia Cademartori (2008) acerca de las ilustraciones. Los análisis realizados demuestran que la palabra y la imagen constituyen un tejido narrativo único e indisoluble. Además, apuntan hacia la materialidad del libro, que ejerce una función narrativa, de acuerdo con su montaje.

Palabras-clave: literatura infantil; libro ilustrado; narrativa verbal y visual

Recebido em: 21 set. 2019

| Aprovado em: 15 mar. 2020

* Mestra em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jailma.jdf@gmail.com.

** Doutor em Letras e professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: jozefh.f@gmail.com.

Introdução

A versão do clássico infantil *Chapeuzinho Vermelho* da ilustradora e escritora francesa Marjolaine Leray apresenta uma menina esperta e um Lobo ingênuo, invertendo características originais dessas personagens. Com um traço simples, como se fosse feito pelas mãos de uma criança, Leray constrói uma narrativa que acontece concomitantemente via palavra e imagem, ou pela ausência dela, como poderá ser visto neste ensaio. Nesse sentido, por meio das relações entre o visual e o verbal, pretendemos perceber nesta análise como se dá a relação estabelecida entre a Chapeuzinho e o Lobo, e como a imagem e a palavra tecem esta narrativa adaptada.

Um conto de poucos diálogos, de ilustrações minimalistas, cujo sentido das palavras se desdobra nas e pelas imagens, sem que uma se sobreponha à outra, mas no qual “há intensa e significativa interação entre texto e imagem, pois narram, juntos, a história, de modo que há uma complementaridade constitutiva e inequívoca entre estes dois elementos” (FARIAS, 2017, p. 22).

O livro *Uma Chapeuzinho Vermelho*, publicado em 2009 pela Actes Sud, na França, é a estreia de Marjolaine Leray como autora de uma obra designada ao público infantil. Entrelaçando o verbal e o visual, com letras e ilustrações estilo rabisco com lápis de cor, traços característicos à ilustradora, a obra de Leray nos revela uma Chapeuzinho aparentemente pequena e frágil e um Lobo grande e robusto, remetendo à obra original, porém, desta vez, enfatizando que as aparências podem enganar, como será percebido ao longo da narrativa e pelo desfecho do conto, que serão aqui apresentados.

Atentando ainda para a figura desses dois personagens, que compõem a versão de Leray para o clássico infantil, chama-nos atenção que enquanto podemos ver o rosto do Lobo, não se pode ver em nenhum momento da narrativa o rosto da Chapeuzinho, nem mesmo quando está de frente para o leitor. Isto enfatiza que a Chapeuzinho Vermelho desta versão é uma Chapeuzinho diferente das demais, não é aquela que o leitor está acostumado a ver/ler, mas é uma personagem de facetas até então desconhecida, o que pode vir a justificar o uso do artigo indefinido para o título dessa versão, *Uma chapeuzinho Vermelho*.

A narrativa de Leray torna-se surpreendente pelo fato de romper com a expectativa do(a) leitor(a) e com aquilo que ele(a) está habituado(a) a encontrar em outras versões, sobretudo nos clássicos, como na versão dos Irmãos Grimm e de Charles Perrault. A menina ingênua dá espaço a uma garotinha esperta e dotada de artimanhas, capaz até mesmo de enganar o perigoso Lobo. Com apenas duas personagens, Leray consegue prender o leitor e construir uma narrativa minuciosa, breve e completa, com o subsídio o código visual.

“Uma Chapeuzinho Vermelho”: entre a narrativa verbal e visual

Conforme mencionado, o conto de Marjolaine Leray contém apenas dois personagens, o Lobo e a Chapeuzinho. A menina sai do seu mundo próprio, seguro, identificado na narrativa pela cor vermelha, para adentrar o desconhecido, o universo do Lobo, designada pela linha preta que a leva até a fera, como se verá adiante. A página branca pode ser entendida como um espaço comum entre o Lobo e a Chapeuzinho, mas que depois passa a ser somente da Chapeuzinho, evidenciando assim seu domínio sobre o Lobo e sobre este lugar. Há, desde o início, indícios de uma certa materialidade da página atuando como elemento narrativo, conforme Van Der Linden (2011) assume haver, não raramente, em grandes livros ilustrados infantis.

O vermelho, que caracteriza a Chapeuzinho, pode ser atrelado à descoberta da vida, se pensarmos, por exemplo, no período da adolescência, em que as crianças, além de

vivenciarem a descoberta do corpo, da sexualidade, sentem-se mais independentes e começam a se preparar para encarar o mundo sozinhas, sem necessariamente o auxílio de um adulto. Já o preto, como marca dos traços e da fala do Lobo, denota escuridão e perigo, o que vai ser superado/extinguido pela Chapeuzinho. Estas reflexões serão melhor esclarecidas com o advento das imagens, mais adiante.

Vemos que a garotinha do capuz vermelho se mostra estrategista, astuciosa, até mesmo maquiavélica, em detrimento da menina inocente e ingênua das outras versões. Temos uma Chapeuzinho sem rosto, sem identidade, uma personagem diferente, singular, que consegue ludibriar o Lobo para conseguir o que quer.

Provavelmente o animal não desconfia da astúcia da garota porque lhe considera inocente ou ingênua. Contudo, verificamos que imprudente mesmo é o Lobo, que se deixa levar pelo plano traiçoeiro de Chapeuzinho. Nesta adaptação da obra, os papéis são costumeiramente invertidos e estes traços da personalidade dos personagens são impressos no código visual. Nesse sentido, “Chapeuzinho irá se revelar como ser autônomo, divertido e perspicaz, ao ponto de enganar e frustrar a ação violenta do lobo” (FARIAS, 2017, p. 26). Enquanto a menininha dos contos tradicionais é ludibriada pelo Lobo, aqui é ela quem o engana.

Estas inferências podem ser feitas tanto pelo texto verbal, como pelas ilustrações da narrativa, haja vista que estas últimas

[...] funcionam como contraponto irônico, pois, ao mesmo tempo em que as ilustrações possuem uma aparência infantil, inserindo a história no universo frequentemente tomado sob o signo da ingenuidade e inocência, elas também encenam episódios de certa violência (quando o Lobo arrasta Chapeuzinho para uma mesa e quando esta engana o bicho, dando-lhe uma bala – talvez envenenada – que lhe causa engasgo) e tecem a menina de um modo mais complexo, ao misturar inteligência, astúcia e, também, crueldade (traços habitualmente atribuídos ao adulto) nessa representação (FARIAS, 2017, p. 23).

Desta forma, as ilustrações presentes na obra de Leray designam muito mais que uma complementariedade para o texto, mas “permitem o desenvolvimento de diferentes estratégias de compreensão do texto – antecipação, inferência e verificação –” (FARIAS, 2017, p. 22). Podemos dizer, então, que “as imagens da ilustração constituem instrumento fundamental de apoio para a ativa intervenção do leitor na construção de sentidos e na formulação de hipóteses para a interpretação do narrado” (CADEMARTORI, 2008, p. 87). Apesar da importância das palavras, para que se execute essa inversão de papéis da narrativa adaptada, é fundamental observar a autonomia exercida pela imagem.

Conforme Ligia Cademartori (2008), a ilustração se constitui muitas vezes como um acontecimento narrativo, porque oferece ao leitor informações que o texto escrito não pôde oferecer. Nesse sentido, Sophie Van Der Linden (2011) defende a ideia de que texto e imagens estariam presentes num único espaço, o da página dupla, assim, “o texto tende, portanto, a fazer parte da imagem” (VAN DER LINDEN, 2011, p. 12).

Destarte, entendemos que há na obra de Leray “uma equivalência entre o sentido do texto e sua apresentação formal, um pouco como que juntando o gesto à palavra” (VAN DER LINDEN, 2011, p. 8). Vejamos como isso se manifesta desde a capa do livro:



Figura 1: Capa do livro.
Fonte: Leray, 2012.

A capa do livro nos sugere uma entrada no universo de Chapeuzinho Vermelho, ao mesmo tempo em que nos impele a entrar em um ambiente totalmente novo e inusitado, o que se confirmará ao longo da narrativa. O universo da Chapeuzinho é demarcado pelo vermelho que está por trás da menina. Entendemos que assim o seja porque além da cor que marca a personagem, o traço rabiscado da página é o mesmo rabisco que compõe a roupa da menina, denotando uma atmosfera particular.

Logo na primeira página temos a confirmação de que Chapeuzinho adentra um espaço novo, sai do seu mundo – vermelho – e adentra o desconhecido – o universo branco –, onde tudo pode acontecer, inclusive encontrar-se com o Lobo, encontro este identificado pela linha preta que a leva até o Lobo. Essa demarcação de cores acontece ao longo de toda a narrativa, o espaço em comum entre Chapeuzinho e o Lobo é branco, tudo o que se refere a Chapeuzinho é vermelho e tudo o que se refere ao Lobo é preto.

A linha preta na imagem abaixo, além de conduzir Chapeuzinho ao encontro do Lobo, sugere que o espaço em branco até então está sob o domínio do Lobo, já que a menina parece nem perceber a presença do animal ali, revelando, assim, uma certa ingenuidade de Chapeuzinho diante da situação na qual se encontra.



Figura 2: Primeiro encontro entre Chapeuzinho e o Lobo.
Fonte: Leray, 2012.

Na cena posterior, o Lobo agarra Chapeuzinho e pela primeira vez ouvimos a voz da menina: “Ai, ai!” (LERAY, 2012, p. 4). Com a pequena nos braços, o Lobo interpele: “Aonde você vai?” Chapeuzinho responde-lhe: “Para a casa da vovozinha” (LERAY, 2012, p. 5). Carregando-a consigo, leva a menina até a mesa. Numa página branca ecoa a pergunta da menina ingênua (ou que se faz de desentendida): “Vamos comer?” (LERAY, 2012, p. 9). A imagem a seguir nos faz deduzir que Chapeuzinho não tem medo do Lobo, pois o encara de frente; e como pode ser visto nas imagens subseqüentes, em nenhum momento recua ou tenta escapar do Lobo, mas permanece num diálogo tranquilo com ele, mostrando-se destemida.



Figura 3: Chapeuzinho posta à mesa.
Fonte: Leray, 2012.

É pertinente verificar na imagem a postura da Chapeuzinho, que poderia estar cabisbaixa, com semblante de medo, mas, pelo contrário, se mostra altiva, com sua face erguida; vale salientar que até então nenhum traço de seu rosto havia aparecido na narrativa. E sua postura intrépida permanece quase que intacta, mesmo quando o Lobo abre sua grande boca, afirmando que irá saborear de um pedaço de carne vermelha e sangrenta, que no caso seria a própria menina, como se nota na imagem a seguir:

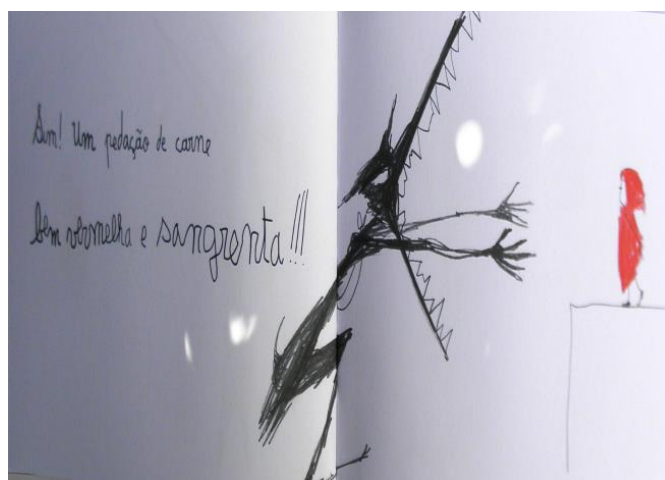


Figura 4: O Lobo prestes a atacar.
Fonte: Leray, 2012.

Dessa forma, corroboramos com a ideia defendida por Farias (2017) de que

[...] a figura do Lobo contrasta com a tranquilidade da garota, que, com os bracinhos finos e um dos pés para trás, aparenta certa cautela diante daquela criatura assustadora. Entretanto, para o leitor que já conhece o desfecho desta narrativa, os gestos corporais de Chapeuzinho podem denotar também fingimento, no sentido de desejar aparentar fragilidade e estupidez, para enganar o lobo e, assim, garantir o êxito do golpe desferido contra o inimigo (FARIAS, 2017, p. 28).

Tentando despistá-lo de sua pretensão, ou simplesmente buscando ganhar tempo, a menina começa a fazer as perguntas e indagações clássicas que encontramos nas narrativas tradicionais de Chapeuzinho Vermelho, como se pode ver a seguir:

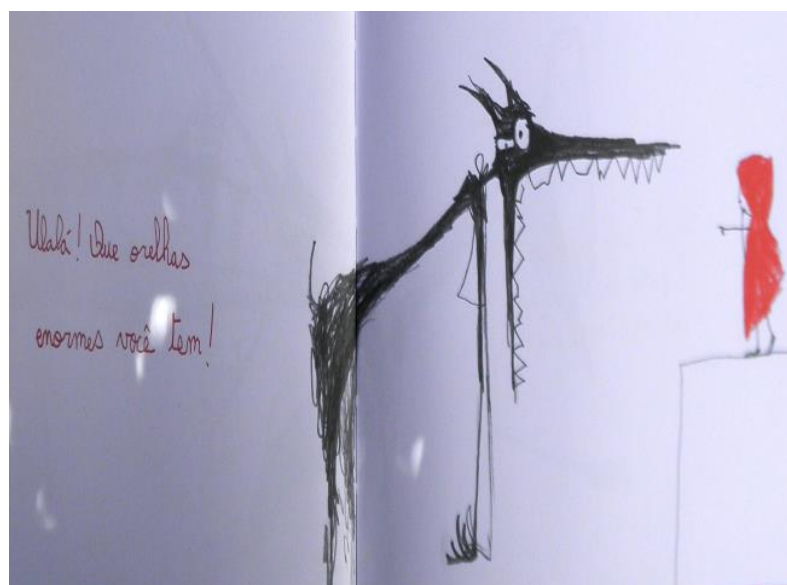


Figura 5: Chapeuzinho em diálogo com o Lobo.
Fonte: Leray, 2012.

Embora a imagem do Lobo pareça bem maior em relação à aparente menininha frágil, ela vai aos poucos se aproximando, conquistando a amizade dele, ganhando intimidade, a ponto de tocá-lo e até mesmo de deixar sua cabeça bastante próxima aos dentes do Lobo.

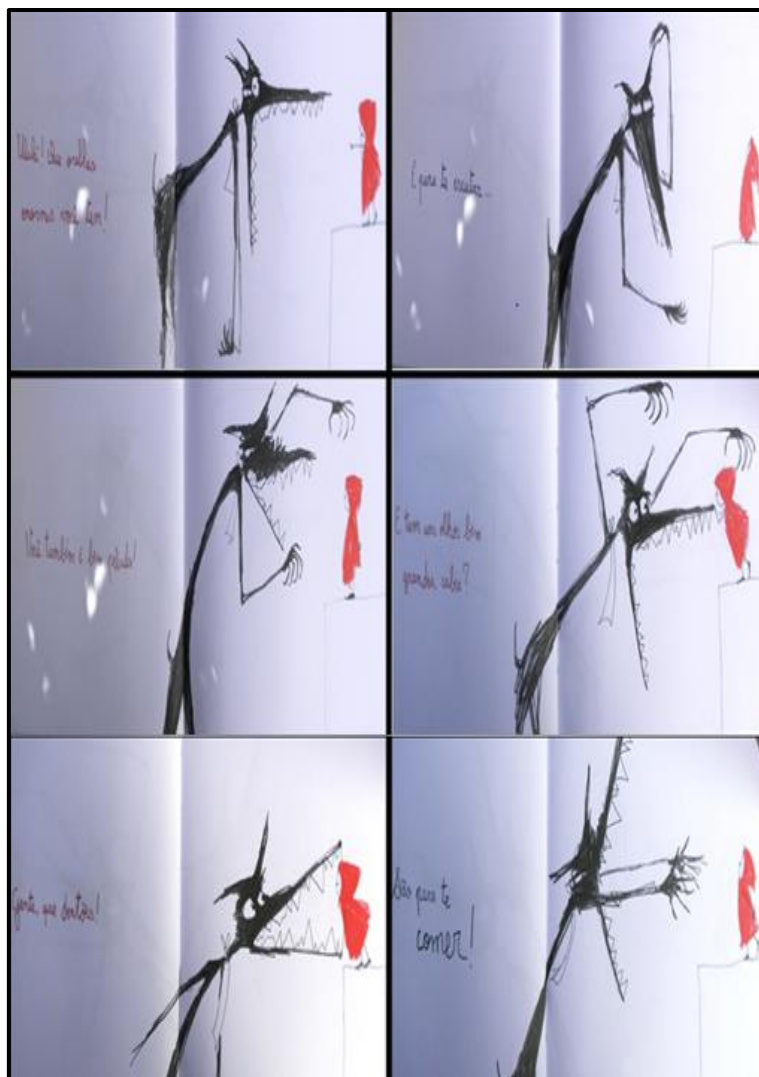


Figura 6: O diálogo continua.

Fonte: Leray, 2012.

Quando finalmente o Lobo diz que os seus dentes são para comê-la, mais uma vez, na página em branco, ela exclama: “Não, senhor” (LERAY, 2012, p. 18). A fala da Chapeuzinho revela-nos sua face transgressora, não se deixando submeter à vontade do Lobo, negando-a com segurança e firmeza. Apenas a voz impressa no espaço em branco nos leva a entendê-lo como um lugar que está sob o controle e/ou o poder desta menina, embora seja um lugar do qual ela e o Lobo participem. Essa inferência é logo confirmada pela postura cabisbaixa do Lobo ao perguntar-lhe: “Não?” (LERAY, 2012, p. 19), como se vê na imagem seguinte:



Figura 7: O Lobo sente-se consternado.

Fonte: Leray, 2012.

Para justificar sua postura, sobressaindo-se à situação sem deixar evidente a sua sagacidade, Chapeuzinho diz ao Lobo que ele tem mau hálito, daí a fera mostra-se envergonhada e preocupada com tal situação. A partir de então é possível perceber que a narrativa começa a mudar, conforme as posturas assumidas por Chapeuzinho e conseqüentemente pelo Lobo. A menina passa a assumir o controle da situação, revelando-se audaciosa, esperta e astuciosa, ao passo que o Lobo parece tolo e até mesmo desconcertado diante daquela situação tão inusitada.



Figura 8: Chapeuzinho desestabiliza o Lobo.

Fonte: Leray, 2012.

Aproveitando a ocasião, gerada propositalmente, Chapeuzinho lhe dá gentilmente uma bala e lhe ordena que a engula, gesto que o Lobo aceita sem questionar e até agradece. A menina se senta, transmitindo ao leitor um aspecto de tranquilidade, como se estivesse certa do que fosse acontecer em seguida e com a finalidade de assistir ao desfecho do seu plano.

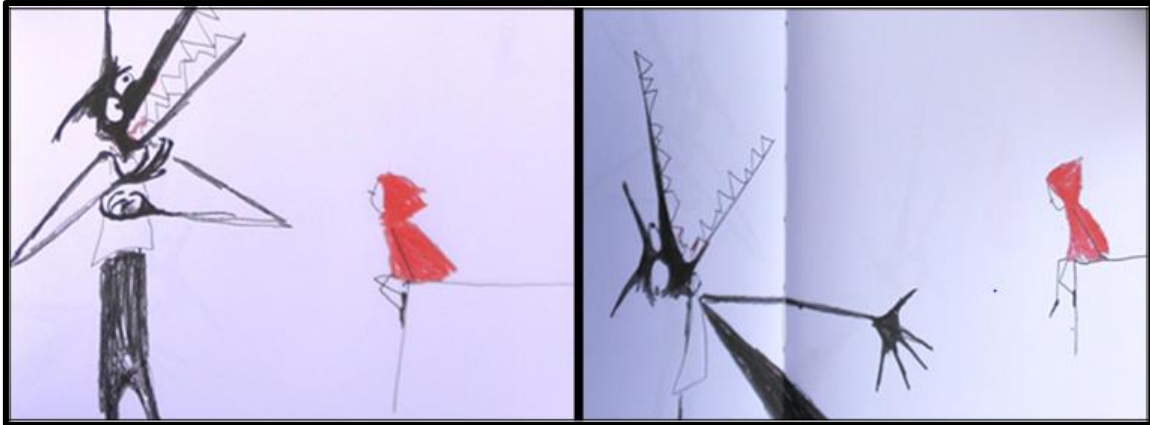


Figura 9: Chapeuzinho assiste à execução de seu plano.
Fonte: Leray, 2012.

O Lobo desfalece, talvez engasgado ou envenenado pela bala, como fica sugerido na sequência de imagens acima. Logo em seguida o leitor tem diante de si uma página em branco, que sugere a morte do Lobo, já que ele não mais aparecerá na narrativa deste momento em diante. Nesse caso, evidenciamos que até a página em branco comunica. Haja vista, “o livro ilustrado gera então várias maneiras de ler, decerto mais próximos da leitura interativa multimídia. O leitor opera constante vaivéns entre as diferentes mensagens, faz escolhas, estabelece aproximações, antecipa, busca e constrói, ele próprio, o sentido” (VAN DER LINDEN, 2011, p. 15).

Dito isto, a postura de Chapeuzinho nas páginas seguintes também comunica o que sucedeu com o Lobo, à medida que revela ser uma garota estrategista, que já sabia muito bem o que aconteceria ao seu adversário, uma vez que se senta para assistir a sua aniquilação, o que se confirma ainda mais pela sua afirmativa: “Tolinho” (LERAY, 2012, p. 29), sugerindo, assim, que provavelmente não tenha sido um mero engasgo, mas sim que a bala estaria de fato envenenada. Engasgo ou envenenamento, o fato é que Chapeuzinho trama com frieza a aniquilação de seu inimigo.



Figura 10: O plano é executado com êxito.
Fonte: Leray, 2012.

A tranquilidade da menina em toda a narrativa de Leray não é sinônimo de ingenuidade, de que está sendo ludibriada pelo Lobo; sua tranquilidade, na verdade, revela frieza diante do plano que tenciona executar, que já nos é antecipado pelo apagamento de suas expressões faciais desde o princípio. Vemos na imagem anterior que, mesmo quando Chapeuzinho se coloca de frente para o leitor, não é possível ver sua face, mas apenas um pequeno sinal do nariz em meio ao seu rosto branco, denotando mais uma vez a ideia de uma Chapeuzinho diferente, desconhecida, até sombria.

Na imagem a seguir vemos que Chapeuzinho volta tranquila ao seu mundo, representado pela cor vermelha, mas não da mesma forma quando saiu dele, pois se antes saiu do seu universo para ir ao desconhecido, evidenciado pelo espaço branco, agora traz consigo um novo mundo, o qual pode ser identificado pelo branco que está ao seu redor. Sugerindo, assim, sua conquista sobre esse lugar.



Figura 11: Contracapa - Chapeuzinho volta ao seu mundo.
Fonte: Leray, 2012.

É interessante perceber que Leray sugere utilizar a contracapa para dar continuidade à sua narrativa. O conto não começa nem termina apenas dentro do livro, mas desde e mesmo “fora” ele acontece, sem entregar ao leitor menos atento o desfecho da história. Nesse contexto, percebemos que as escolhas da escritora e ilustradora não são aleatórias, mas comungam de objetivos bem definidos, articulados não apenas na composição da narrativa, mas na própria materialidade do livro; talvez este seja um privilégio de quem comonha e ilustre seu próprio texto.

Esta estratégia narrativa nos faz retomar Van der Linden (2011), que destaca o recurso à materialidade do livro, nos livros ilustrados, como uma possibilidade de servir como elementos textuais, especialmente diante de um leitor mais atento às partes que compõem um livro. Ao manuseá-lo atentamente, após a leitura da parte contida no miolo do livro, o leitor pode vir a perceber que a contracapa continua narrando a história. Cabe ao leitor familiarizado com a estrutura do livro romper estas barreiras e realizar esta leitura, que pode, eventualmente, não ser percebida.

Considerações finais

Com uma narrativa breve e sucinta, marcada por sugestões que se encontram na materialidade da página, contendo apenas dois personagens, o Lobo e a Chapeuzinho, Leray nos apresenta uma versão diferente daquele conto que estamos habituados a ler.

Devido aos recursos narrativos empregados, pode-se dizer que a autora inverte os papéis de seus dois personagens – a menina ingênua que dá lugar a uma garota esperta e maquiavélica e o animal perigoso e temido que abre espaço para um Lobo inofensivo e tolo.

A narrativa de Leray é construída tanto pela tessitura do texto como pelas imagens. Observamos que o texto nos antecipa elementos da imagem, e vice-versa, movimento que torna o sentido da narrativa ainda mais amplo e completo, nesta rede de relações entre palavra e imagem.

As escolhas da autora e ilustradora criam uma produção em que são utilizadas as mesmas técnicas e ferramentas tanto para a criação do texto como das imagens produzidas, corroborando com o que afirma Sophie Van der Linden (2011), ao destacar que são muito comuns os textos escritos com o mesmo pincel ou lápis utilizado na composição das imagens, especialmente quando o escritor também é o ilustrador, ressaltando essa construção verbo-visual.

Referências

- CADEMARTORI, Ligia. Para não aborrecer Alice: a ilustração no livro infantil. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- FARIAS, Norma Lee Pereira de. **Vozes sobre Chapeuzinho Vermelho: leitura intertextual e letramento literário na educação infantil**. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado) – Curso Formação de Professores. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.
- LERAY, Marjolaine. **Uma Chapeuzinho Vermelho**. Trad. Júlia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.
- VAN DER LINDEN, Sophie. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução: Dorothee Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.